

**A aventura cartográfica: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana.**

**Jörn Seemann (organizador). Fortaleza-CE: Expressão Gráfica e Editora, 2005.**

Por Vinícius Neves Vasconcelos<sup>1</sup>

A Aventura Cartográfica, assim como livros homônimos da área da sociologia e antropologia, que ao final da década de 70 e 80 buscavam problematizar os seus procedimentos de investigação e uma reflexão sobre o processo de elaboração de pesquisas em suas áreas, também procurou desenvolver um esforço de análise da cartografia, que não esteja presa ao modelo normativo, mas sim pensando a Cartografia como uma forma de saber, uma construção cultural e não apenas o resultado de um conjunto de técnicas e normas.

Dentro dessa perspectiva, Jörn Seemann, organizador do livro, dividiu o mesmo em três partes: Na primeira, *A Cartografia da Cartografia*, é discutida a “anatomia” da ciência cartográfica. A segunda parte, *Cartografias da mente e da imaginação*, possui textos que enfocam os aspectos imaginários, ideológicos, sociais e políticos da Cartografia. A terceira parte, *Cartografia e Ensino* representa uma reflexão sobre o significado das representações cartográficas nas aulas de Geografia.

Na primeira parte, em “Mapeamento Sistemático Brasileiro: Evolução Histórica da Cartografia”, Rosely Sampaio Archela e Edison Archela tem o objetivo de ressaltar as principais etapas do desenvolvimento da cartografia brasileira em âmbito governamental, explicando quais os principais objetivos e as motivações que levaram o mapeamento do Brasil.

Observamos no trabalho as diversas motivações para elaboração de mapas relacionados a expedições européias (conhecimento do litoral e necessidade de ocupação). Tais como a criação de uma identidade nacional e de um suporte para os planos de

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Geografia da UERJ. Bolsista do NEGEF.

desenvolvimento econômico e social do Estado Novo e do período desenvolvimentista de Kubitschek, e a necessidade de proteção e interesses estrangeiros relacionados à Guerra.

Tendo compreendido todo o processo histórico em âmbito governamental da cartografia de base brasileira, constata-se que mesmo com o avanço das técnicas de elaboração e levantamentos de dados o mapeamento no Brasil sofre com problemas relacionados à defasagem de material, regiões precariamente mapeadas e de acesso aos mapas existentes.

Ângela Katuta, no texto “A(s) Natureza(s) da Cartografia” trás uma discussão do ato de elaboração de mapas em diferentes momentos da história da humanidade, com o objetivo de mostrar que cada época tem suas peculiaridades e uma cartografia própria.

A autora utiliza como argumentos o fato que o tempo e o espaço são instrumentos fundamentais do homem para a sua orientação e realização de suas tarefas e também para aspectos imaginários, para discutir a Cartografia como atividade humana.

“A Aventura da Leitura de Mapas” de Gisele Girardi, discute as diferentes possibilidades de leitura do mapa, fazendo uma crítica a visão tradicional da cartografia como representação da realidade, resultado do aperfeiçoamento técnico e desenvolvimento da ciência.

A representação cartográfica, sem negar a importância da técnica, é um conjunto de valores, discursos e perspectivas inerentes a sociedade que os produziu, desmistificando um caráter de neutralidade atribuído aos mapas sob o respaldo da credibilidade científica.

Dentro desse ideário de desmistificação, o geógrafos além de dominar as técnicas de execução e leitura, seriam incumbidos de ler e analisar a sociedade por trás dos mapas, ressaltando a concepção dos mapas como uma reprodução da ordem social.

Na segunda parte, em “Terra (In)cognitae”, Marta Siqueira de Carvalho, traz a idéia do mapa precedente ao território, onde os homens pensaram e cartografaram as terras que viriam a conhecer no futuro. Para isso utilizaram diversas fontes para chegar aos contornos daquilo que não conheciam, como cosmografia e filosofia natural, diários, contos de viagens e poesias épicas.

O texto afirma também a importância do mar no imaginário medieval e da antiguidade, delimitando as fronteiras do mundo conhecido e da crença de périplos e ilhas

imaginárias, reforçando a idéia de uma cartografia que incorpora imagens e lugares não existentes – terra incognitae – produto da imaginação.

“Pelos Caminhos da Cartografia na Idade Média: O *Ebstorf Mappamundi*, como Objeto Cultural”, encara o mapa contextualizado em seu momento histórico e social, em seu conteúdo e simbologia e por isso, possui uma carga ideológica, funcionando como objeto cultural, ressaltando a importância da relação espaço e tempo.

Marisol Barenco de Mello utiliza como objeto de análise um mapa medieval, *Ebstorf Mappamundi*, a fim de encontrar as características culturais que podem dar-lhe sentido histórico. Foram encontradas várias características do *medievo*, como a forte influência cristã, projetando o mundo como o corpo místico de cristo, e também a percepção de espaço e tempo, contendo representações de diferentes temporalidades em um mesmo espaço, abrindo uma reflexão acerca dos enquadramentos epistemológicos atuais envolvendo tempo e espaço, onde os mesmos também fazem parte de uma construção histórica.

Iörn Seemann evidenciou em seu texto, “Linhas Imaginárias na Cartografia: A Invenção do primeiro Meridiano”, o caráter abstrato da Cartografia, como fronteiras, limites, fusos horários, paralelos e meridianos que nos parecem ser marcas verdadeiras, tanto no papel quanto no real, mas não passam de construções humanas, que foram naturalizadas nos discursos e nos livros didáticos.

O autor, para entender a história dos conceitos e fatos cartográficos, investiga a constituição do primeiro meridiano, chegando a melhor compreensão dos mesmos através de sua história e de seus mitos fundadores, onde a cartografia humana se define por interconexões da humanidade e o espaço, com suas realidades objetivas e elementos subjetivos.

Em, “Comunicando e Representando: Mapas Como Construções Socioculturais”, Salete Kozel discute como as características socioculturais influenciam na relação sujeitos/signos/imagem, na leitura e confecção de mapas, mesmo dentro de uma suposta neutralidade científica, que massacra sua dimensão social. Surge então, o conceito de “espaço vivido” impregnado de percepções, significados e complexidades socioculturais, ressaltando o valor do enfoque comportamental humano na relação entre signo e significado nos mapas.

Nesse sentido, a Geografia das Representações, com os mapas mentais como principal aporte metodológico, reafirma a condição sociocultural dos mapas e importância pedagógica, mesmo dentro de um contexto cientificista e sofisticado em que se encontra a ciência cartográfica.

José Q. Pinheiro, em “Mapas Cognitivos do Mundo: Representações Mentais Distorcidas” trata de que forma as representações mentais dos ambientes são influenciadas por representações hegemônicas do mundo, através de padronizações ou estereotipia. A fim de avaliar criticamente determinadas experiências ambientais que vivemos diretamente ou através de cognições ambientais, por meio de representações externas (mapas).

Dentro desse contexto, o autor trabalha as distorções em representações do mundo, relacionadas tanto a escolha de projeção para representar cartograficamente o globo, como também distorções associadas aos processos psicológicos, cognitivos e práticos.

Já na terceira parte, “O Mapa do Brasil Não é o Brasil” de Jorge Luiz Barcellos da Silva e Nestor André Kaercher, questionam-se as múltiplas mensagens que os mapas nos trazem e também traz uma reflexão acerca do significado das representações cartográficas nas salas de aula, por meio da decodificação do mapa do Brasil tirado do Atlas Nacional do Brasil (IBGE, 2000, p.33).

O texto ressalta a importância da alfabetização cartográfica e geográfica na leitura dos mapas, para que os alunos reconheçam o significado das cores, traços e demais signos que os mapas apresentam e também possam entender a pertinência espacial dos fenômenos geográficos, a fim de compreender que o Brasil não é um mapa, uma aparência geométrica, mas sim um caleidoscópio de conflitos, dinâmicas e movimentos.

“Desenhos e Mapas no Ensino de Geografia: A Linguagem Visual que Não é Vista” de Clézio dos Santos, trabalha os desenhos como parte do conhecimento de Geografia, afirmando a relevância dos desenhos no ensino como linguagem visual. Para isso, faz uma análise de representações livres dos alunos do trajeto casa-escola e da diferença entre rural e urbano. Onde os alunos são confrontados com as incertezas da aparência e da autonomia.

Conclui que é possível analisar os desenhos não como arte, mas como representações concretas do conhecimento acumulado, demonstrado isso ora pelas amarras ideológicas ora pelo aprendizado e vivência de cada indivíduo.

Werther Holzer e Selma Holzer em “Cartografia para Crianças: qual é o Seu Lugar?”, se propõem a fazer uma reflexão teórica relativa ao papel da cartografia para crianças, tendo como referencial teórico a fenomenologia, buscando uma Cartografia mais humana.

Os Holzer afirmam que a cartografia infantil deve ser interativa, com elementos constituídos da vivência infantil, coletiva e cotidiana, que permitissem a manipulação e a incorporação de novos elementos. Há no universo infantil, o conceito de escala e uma evidente proficiência em manipulá-lo, assim faz-se uma cartografia dos lugares. Como os mesmos não têm escala definida, implica-se assim na representação simultânea de informações em diversas escalas.

Por fim, a reunião de textos que compõem a “Aventura Cartográfica” cumpre com primazia seu objetivo de fazer uma releitura crítica da Cartografia, com a preocupação de salientar que os mapas são possíveis construções da realidade, portanto, sujeito a subjetividades, em seu caráter técnico, social e ideológico.

Jörn Seemann (seu organizador), com a discussão das bases da Cartografia na primeira parte, com a perspectiva histórica e cultural da segunda e o ponto de vista educacional da terceira, ressalta a ligação entre a Geografia e Cartografia, reafirmando seu caráter sociocultural e importância pedagógica para o ensino de Geografia.